

A PRIMEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA

O Evangelho se espalha pelo mundo (Atos 13:4-52)

Começa neste capítulo uma nova divisão do livro de Atos. Barnabé e Saulo são enviados para uma nova missão (a primeira foi levar as ofertas da igreja em Antioquia aos crentes na Judeia, descrita em 11:27-30) que mudaria para sempre o mapa do Cristianismo mundial. Finalmente a igreja começa a chegar aos confins da terra, conforme o plano traçado pelo Senhor. Serão aventuras inesquecíveis, recheadas de lições preciosíssimas para a igreja em todos os tempos. Princípios missionários, ações espetaculares de Deus, resultados expressivos, uma igreja multicultural e multirracial surgirão diante dos olhos atentos do estudioso da Bíblia.

Esta primeira viagem é a mais curta em extensão das três que Paulo fez, mas importantíssima para estabelecer a maneira como ele e sua equipe vão trabalhar nos próximos 10 anos.

1. O preparo para a missão

Novamente encontramos a prática correta e bíblica da imposição de mãos (13:3). Esquecida em alguns círculos cristãos em nossos dias por preconceito ou desconhecimento, este ato indicava o comprometimento e a identificação da igreja em Antioquia com a missão daqueles irmãos. Estavam dizendo “*vocês não, mas nós vamos com vocês. Não os abandonaremos no campo. Não nos esqueceremos de vocês. A missão de vocês é a nossa missão também*”. Talvez seja por não termos a mesma disposição que preferimos omitir o ato de impor as mãos atualmente.

Encontramos também no contexto da igreja local onde se reuniam o jejum e a oração, através dos quais a igreja buscou a direção de Deus para seus próximos passos. O Espírito Santo **falou** e a igreja **ouviu e agiu**. Quando Deus revela a sua vontade, não precisamos mais orar ou esperar. Basta fazer o que Ele mandou. Embora não haja mandamentos específicos que nos obriguem a impor mãos ou jejuar, a presença frequente de tais práticas nos Atos dos apóstolos indica um caminho que deixou de ser seguido, mas que tem todo o respaldo das Escrituras.

2. O roteiro traçado

Na ilha de Chipre, terra natal de Barnabé, a missão começa. Há oposição diabólica aos apóstolos (13:6-8). É o natural e o esperado quando estamos em missão, fazendo a vontade de Deus. Saulo (hebraico) passa a ser agora chamado “Paulo” (grego) – 13:9. A mudança de nome é uma das adaptações que ele decide fazer para tornar-se mais próximo dos gentios a quem ele pretende alcançar.

Na Galácia começam a ser plantadas igrejas. Este fato é absolutamente essencial em Atos. Formar igrejas locais era o modelo por excelência para a expansão do Evangelho a toda a criatura. Não se pode dar ouvidos à onda pós-moderna que descarta a igreja como um projeto divino para alcançar as pessoas até que Cristo volte.

3. O resumo da mensagem (v.16-41)

Pode-se considerar o registro da pregação de Paulo em Antioquia da Pisídia como um esboço do que seriam suas mensagens em todas as sinagogas por onde eles passavam. Há algumas semelhanças no discurso que Paulo ouvira Estevão proferir alguns anos antes em Jerusalém.

- a. Uma exposição de fatos históricos – conhecidos e respeitados pela tradição judaica (13:16-22)
- b. Ao mencionar Davi durante boa parte de seu sermão, Paulo identifica sua congregação com

um ícone nacional, unanimidade entre os judeus.

- c. A conexão imediata entre a descendência de Davi e Seu descendente é suficiente para explicar a morte, o sepultamento e a ressurreição do Messias.
- d. Uma chamada ao arrependimento e à fé em Cristo Jesus.

Desta forma, os ouvintes que tivessem disposição para dar atenção à pregação de Paulo teriam fartas razões para se identificarem com o que ele dizia. Eles conheciam a Lei e os personagens de sua História. Conheciam também a respeito da promessa do Messias. Tudo o que os apóstolos faziam era declarar, aberta e claramente, que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, por meio de quem a salvação estava disponível agora a todo aquele que crer.

4. A reação dos judeus

A estratégia dos apóstolos sempre é ir primeiro à sinagoga, fazer a conexão entre a história de Israel e o Messias. A reação negativa sempre parte dos judeus incrédulos (v.42-45), que julgavam estar prestando com isso um grande serviço a Deus (Rm 10:2-3)¹¹. Assim acontece em Antioquia da Pisídia, em Icônio, Listra e Derbe.

O endurecimento dos seus corações (Romanos 11:25) é consequência de sua rejeição a Cristo como Messias. Mesmo tendo todas as evidências da Lei e dos Profetas (Romanos 9:4-5), eles decidiram não crer nele. Esta atitude dos contemporâneos de Jesus se repete e se confirma entre os judeus dispersos pelo império, que se constituirão no primeiro e principal foco de perseguição a Paulo e suas equipes durante as viagens missionárias.

5. A continuidade da missão (Atos 14:1-20)

Ao invés de desistir ou pensar em voltar, a oposição manifesta dos judeus em Antioquia da Pisídia serve apenas como um grande incentivo para os apóstolos dos gentios (13:50-52). Eles simplesmente seguem viagem, “*cheios de alegria e do Espírito Santo*” (13:52). A obra de Deus nunca será realizada adequadamente se for encarada como um peso do qual queremos nos livrar o mais rápido possível. Mais uma vez, um grande número de pessoas é atraído para ouvir sua mensagem e muitos creem (v.1). Inevitavelmente a perseguição recomeça.

Em Listra surge a mesma armadilha que outros apóstolos sofreram: a tentação de receber a glória por alguma coisa que Deus tinha feito (v.11). Queriam identificar Barnabé com Júpiter, ou Zeus, o chefe do panteão, e Paulo com Mercúrio, ou Hermes, porque tinha o dom da oratória. Acharmos que somente os músicos correm o risco de receberem glória indevida, em função de sua alta exposição pública, mas a verdade é que esta tentação é muito mais forte naqueles que têm o dom de ensino¹². Muitos servos de Deus acabam sucumbindo nesse momento.

Com a chegada a Listra dos judeus incrédulos vindo das vizinhas cidades de Antioquia e Icônio, Paulo é apedrejado e deixado para morrer (v.19)¹³, mas Deus lhe poupa a vida. Sua missão ainda iria muito longe. Ninguém pode interromper a obra que Deus tem para fazermos, seja com oposição verbal, seja com oposição física.

11 Como foi o caso do próprio Paulo antes de sua conversão.

12 O deus “Hermes”, de cujo nome temos hoje a palavra Hermenêutica (interpretação, ensino)

13 Em um momento queriam eternizá-lo como Deus. No instante seguinte, queriam matá-lo. Como é efêmera a glória que vem dos homens! (João 5:41-44).

6. A consolidação da obra (Atos 14:21-28)

Uma vez que a obra não seria feita somente pelos apóstolos, ele tem o cuidado de estabelecer um presbitério em cada igreja local (v.23). Eles apontaram (ou elegeram) esses homens. O processo de estabelecimento de liderança não é algo místico e sobrenatural. É feito com a participação da igreja, através de critérios objetivos de vida, caráter e dons dos candidatos.

A estratégia de trabalho de Paulo é clara: procurar as principais cidades de cada região, estrategicamente localizadas em rotas importantes e com o máximo de trânsito possível, fazer a exposição pública da palavra, exortação e fortalecimento em particular dos que criam, estabelecimento de igrejas com liderança pastoral e autonomia, que se ocupassem das determinações dos apóstolos.

7. O retorno para o ponto de partida

Ao final de cada uma das viagens missionárias, Paulo e sua equipe **prestavam contas à igreja que os havia recomendado**. O modelo de missionários “independentes”, que respondem “somente ao Senhor” não é bíblico. Nem o apóstolo Paulo deixava de relatar o que estava fazendo à sua igreja de origem (14:27-28). Observe que o Espírito Santo afirma que a igreja os havia recomendado (v.26). Não é correto dizer que a igreja local não tem qualquer responsabilidade ou autoridade sobre a vida do missionário.

O grande interesse de Paulo e Barnabé era mostrar, através dos fatos ocorridos na viagem, que Deus de fato estava chamando os gentios. Os acontecimentos em Jerusalém, que estudaremos a seguir, explicam o porque desta preocupação. Ainda havia alguns focos de resistência à ideia de um Cristianismo multicultural. Deus não tem passaporte nem nacionalidade. Desde os mais remotos tempos, Ele fez questão de sinalizar que queria todos os povos (Salmos 117).

O Concílio de Jerusalém (Atos 15:1-35)

Não satisfeitos com a repercussão do Evangelho entre os gentios, já comprovada por Pedro na casa de Cornélio e agora pela extraordinária missão de Paulo e Barnabé entre os gentios, os judeus da circuncisão voltam à carga (v.1), tentando obrigar a todos os gentios que fossem salvos a serem circuncidados. É incrível como uma pessoa pode ficar cega diante de quaisquer evidências apenas para defender uma opinião. Eles não estavam preocupados com a ameaça que representavam para a unidade da igreja e para a fé incipiente das igrejas gentílicas recém-implantadas. Só queriam que sua opinião prevalecesse. Não tinham cuidado, zelo ou comprometimento com o que Deus estava fazendo. Apenas cuidavam de seus próprios interesses.

Quando o problema foi levantado na igreja em Antioquia, eles levaram a questão a Jerusalém (v.2). Este fato mostra que as igrejas eram ligadas entre si e que Jerusalém tinha uma autoridade sobre todas as outras igrejas até aquele momento. Alguns tentam negar o fato de que tenha havido um concílio em Jerusalém para decidir o que as demais igrejas deviam fazer, mesmo na área doutrinária, mas isto é negar o capítulo 15 de Atos. Não apenas porque ali estavam os demais apóstolos, mas também porque os presbíteros da igreja participaram da discussão e da decisão, que tinha validade para todas as igrejas (v.4)¹⁴.

Fica claro, pela reação dos crentes da Fenícia e Samaria (v.3) que a tentativa de retornar ao judaísmo era algo isolado de alguns irmãos mais radicais, mas que tinha o potencial para causar um grande estrago. Esta atitude motivou a carta aos Gálatas e aos Hebreus. O grupo que defendia esta postura era formado por fariseus que haviam crido (v.5) mas não conseguiam livrar-se do ranço da religiosidade para abraçar

¹⁴ Esta é uma situação que hoje em dia seria impraticável, uma vez que não existe mais a autoridade apostólica tal como era exercida pelos Doze. Mesmo assim, a prática de consulta e discussão doutrinária, resguardada a autonomia e responsabilidade de cada liderança local, poderia continuar sendo utilizada, para segurança e mutualidade.

o cristianismo como o vinho novo.

A situação exigia uma atitude rápida, mas segura. Por isso, “*houve um grande debate*” (v.7). Não para ver quem sabia mais ou para tomar uma decisão democrática, mas para tomarem uma decisão baseada no equilíbrio e bom senso. Os que tinham alguma coisa a dizer eram Pedro, Paulo e Barnabé (v.7-12)! Os fariseus só tinham teoria e argumentação humana. Eles não podiam apresentar um só fato para corroborar o que achavam. O argumento de Pedro era claro: a lei foi um jugo pesado demais, que ninguém tinha conseguido suportar. Para que retroceder, se Deus tinha providenciado algo muito mais maravilhoso, que estava funcionando tão bem (v.10)?

Quando Tiago toma a palavra (v.13-18), ele compara o que tinha ouvido com as Escrituras: “*conferem com isso as palavras dos profetas*” (v.15). Mesmo a autoridade apostólica era exercida com base no que a Palavra de Deus tinha a dizer. A seguir propõe uma decisão conciliatória: não era necessário voltar radicalmente aos princípios do judaísmo, pois isso seria pesado demais para os gentios; era possível aos gentios tomarem algumas medidas para evitar trazer escândalo aos judeus. Assim a unidade seria mantida, baseada no respeito mútuo (v.19-21).

A decisão foi redigida em termos claros, para que não ficassem brechas para novas interpretações. Os pontos centrais eram:

- Deixar claro que os irmãos que saíram de Jerusalém não tinham a autorização dos apóstolos e presbíteros de lá (v.24).
- Eles reafirmavam o apreço de Paulo e Barnabé, mas para não deixar dúvidas, estavam mandando mais dois irmãos para comprovar a decisão que levavam em mãos (v.25-27).
- A decisão não era apenas humana, mas tinha o aval do Espírito Santo (v.28).
- O conteúdo da decisão era não comer carne sacrificada a ídolos, nem carne com sangue e seguir os princípios de uma vida sexual decente (v.29).

Assim, mais uma crise é suplantada sem que houvesse divisões, tempo perdido, ofensas pessoais ou estresse. A lição é repetida: somos pessoas com histórias e conceitos diferentes, que carregamos conosco. Não as conseguimos deixar do lado de fora. A questão é como devemos administrar tais diferenças com sabedoria para que elas não causem estragos à obra de Deus. Era um assunto sério, com alto potencial para provocar uma divisão séria (como viria a acontecer muitas vezes na história da Igreja). Com calma e maturidade, os apóstolos souberam conduzir o assunto, utilizando alguns passos que podem ser aplicados a qualquer situação semelhante na igreja até hoje:

1. Eles não negaram ou subestimaram o problema.
2. Eles ouviram os dois lados.
3. Eles abriram as Escrituras e verificaram o assunto à luz do que ela dizia.
4. Eles fecharam o assunto com uma decisão clara e definitiva.
5. Eles comunicaram claramente a todos os envolvidos a decisão tomada.

As cartas, então, seguem com seus portadores primeiramente para Antioquia, onde o problema havia começado. O cuidado dos irmãos de Jerusalém com as igrejas fica evidente na forma como eles se comportam. Eles não chegam como meros portadores de uma carta autoritária, apenas dando notícias de uma instância superior, mas demonstram cuidado pastoral e ministram entre os irmãos por algum tempo (v.32).